



Dos movimentos ao movimento: a importância dos movimentos social, popular e sindical na constituição da identidade política docente

From the movements to the movement: the importance of the social, popular and syndical movements in the constitution of the teacher's political identity

Eder Carlos Cardoso Diniz 

e-mail: eder.c.c.diniz@hotmail.com

Instituto Federal de Rondônia. Brasil

Simone Albuquerque Da Rocha 

e-mail: sa.rocha@terra.com.br

Instituto Federal de Rondônia. Brasil

Resumo

Este artigo resulta de pesquisa que investigou a importância dos movimentos social, político e sindical na constituição da identidade política docente. Respalhada na abordagem qualitativa, o trabalho apoiou-se no levantamento bibliográfico e documental, em entrevistas narrativas e observações-participantes. A questão que fomentou o estudo foi: Como a formação, dentro dos movimentos social, popular e sindical, associada à formação sindical, às greves e às paralisações, contribuiu para a constituição da identidade política docente? Constatou-se que a constituição política dos professores entrevistados se iniciou nos movimentos social e popular e amadureceu no movimento sindical. Tal fato, aliado à práxis, possibilitou-lhes a luta e a defesa por uma educação pública com qualidade social.

Palavras-chave: movimientos sociales; sindicalismo docente; identidad política; formación docente; calidad social.

Abstract

The article results from a research that investigated the importance of social, political and syndical movements in the constitution of teacher's political identity. Based on qualitative approach, this paper is supported by a bibliographic research, interviews and participant-observations. The question here is how education background inside social, popular and syndical movements, associated to syndical education, to strikes and to stoppages contributed to the constitution of the teacher's political identity? It can be concluded that the interviewees' political background began in the social and popular movement and matured in the syndical movement. That fact associated to praxis resulted in the fight and defense of a public education with social quality.

Keywords: social movements; teacher's unionism; political identity; teacher's background; social quality.

Recibido / Received: 31-05-2017

Aceptado / Accepted: 26-02-2018

Cómo referenciar este artículo / How to reference this article:

Cardoso, E.C., & Da Rocha, S.A. (2018). Dos movimentos ao movimento: a importância dos movimentos social, popular e sindical na constituição da identidade política docente. *Tendências Pedagógicas*, 32, 106-118. doi: 10.15366/tp2018.32.008

1. Introdução

Apresentamos, aqui, o recorte de uma pesquisa que objetivou investigar a importância do papel dos movimentos social, popular e sindical, na constituição da identidade política docente. O movimento sindical docente tem contribuído para a formação política dos profissionais da educação, por meio da organização de mobilizações em defesa de uma escola pública de qualidade social e na luta pelos direitos dos trabalhadores da educação. Entende-se escola de qualidade social, conforme aponta Silva (2009), como sendo:

“aquela que atenta para um conjunto de elementos e dimensões socioeconômicas e culturais que circundam o modo de viver e as expectativas das famílias e de estudantes em relação à educação; que busca compreender as políticas governamentais, os projetos sociais e ambientais em seu sentido político, voltados para o bem comum; que luta por financiamento adequado, pelo reconhecimento social e valorização dos trabalhadores em educação; que transforma todos os espaços físicos em lugar de aprendizagem significativa e de vivências efetivamente democráticas. (Silva, 2009, 225).

A educação de qualidade social foge, dessa forma, do pensamento gerencialista segundo o qual a educação deve ser pautada por números, por produtividade e profissionalidade técnica, em que os professores não podem exigir respeito, exceto pelo desempenho ou pelas notas que seus alunos conseguem em avaliações institucionalizadas pelo Estado. Portanto, não leva em consideração todos os outros aspectos subjetivos (pessoais, culturais, sociais, econômicos). Nesta concepção, valoriza-se tão somente a cultura da performatividade (Ball, 2005).

Como vimos, pode-se compreender que essa qualidade social envolve o movimento sindical no empenho pelo reconhecimento e valorização dos trabalhadores em educação, a partir de uma luta incessante e significativa na história das mudanças sociais e populares. É inegável sua contribuição e sua formação política, na medida em que promove debates, organiza mobilizações em defesa da escola pública com essa dimensão.

Os sindicatos lutam pelos interesses e em defesa da classe docente e pela formação política que lhes possibilite compreender como se dá a apropriação e redistribuição coletiva dos fundos públicos, de maneira que se possam amenizar as disparidades sociais e preparar os alunos a tornarem-se cidadãos, a fim de que aprendam a ler o mundo com suas contradições e mazelas política, social e econômica. Nesse sentido, os trabalhadores organizam-se e convergem para “uma coletividade”, enquanto categoria que mobiliza, forma e contribui para a constituição da identidade docente e política.

Quando nos referimos à identidade docente, nos embasamos em Nóvoa, ao afirmar que “a identidade é um lugar de lutas e conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e estar na profissão.” (2000, 16). O aspecto político é um fator e se faz presente na construção da identidade. Ele remete a todo o meio que interfere e provoca a construção da mesma, sendo, dialética, contínua e contraditória dentro das realidades circundantes. Para Diniz y Rocha: “A identidade, nessa perspectiva, é movida nas tensões, nas contradições e interações entre o sujeito e o meio, o qual é social e político, passando pelas questões pessoais e profissionais, sendo um movimento constante e atemporal” (2015, 129).

Essa identidade não se dá em construção solitária, mas na construção de um “nós” que age, interfere e influencia, num cenário político, com e entre sujeitos sociais. A identidade é perpassada por interações intersubjetivas em meio a processos ideológicos, epistemológicos e praxiológicos, dentro de um *continuum* histórico.

No entanto, que essa construção nem sempre é pacífica, pois as transformações ocorridas no mundo fazem com que muitas vezes seja traumática, gerando incertezas e conflitos no contexto pessoal e social, uma vez que é permeada de antagonismos, o que pode gerar crises identitárias e de grupo. (Diniz y Rocha, 2015).

Conforme Mascarenhas a identidade que se efetiva e se constitui no coletivo é também uma Identidade política é, aqui, entendida como “um processo de configuração da autoconsciência de um grupo em que ele elabora sua posição e ação diante dos conflitos e das relações de poder. A identidade é um modo específico de articulação do grupo” (2002, 15).

Dessa forma, no grupo, há um processo de construção permanente de pertencimento que se manifesta não só no discurso, mas também nas ações e em suas práxis. Recorremos a Sanches Vasquez (2011) para a compreensão de práxis como atividade consciente, que permite, ao ser humano, pensar e transformar o meio no qual está inserido, como também a si próprio. Desse modo, a práxis trata de uma atividade social e transformadora da realidade natural e humana. Assim, o movimento de se fazer no e para o grupo rompe com a ideia de isolamento e de fragmentação, algo que tem sido caro à sociedade contemporânea e aos movimentos social e político. A identidade consubstancia-se pela intervenção do indivíduo no mundo e, principalmente, nas relações com outros sujeitos, num devir, em busca de transformações.

Nesse sentido, este trabalho tem importância considerável por envolver relações que permitam a construção da identidade em uma luta e conflito permanentes entre o “eu” e o “outro”, na constituição de um “nós”. Há, então, perceptível, nesse processo, o sentido de pertença que tensiona e mobiliza a categoria, numa coletividade transformadora que se constrói mesmo nas adversidades (Vianna, 1999).

Essa tensão favorece a materialização do “nós” a um determinado projeto político. Tal projeto passa pela afirmação desses agentes históricos ligados à concepção política que ultrapassa, questiona e propõe um novo modelo de sociedade, diferente da atual, excludente e de classes a qual, para alguns, é utópica, mas, para outros, é possível, a partir da luta coletiva, histórica e política. Ele se expande para além do capital, uma vez que propõe a autonomia e emancipação da classe que se efetiva em uma realidade concretizada na formação política, por meio das relações e das contradições sociais.

Em meio a esse cenário, nossa história de vida foi permeada e arraigada pela participação ativa iniciada nos movimentos social e popular, efetivando-se no movimento sindical. Iniciamos nas Comunidades Eclesiais de Base - CEB's, da Igreja Católica, passando pelo movimento estudantil no Ensino Médio e, posteriormente, no universitário. Tal formação teve continuidade na docência do ensino público e privado, na direção do Sindicato dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino da região Sudeste do Estado de Mato Grosso - SINTRAE-SEMT. Fomos nos constituindo identitariamente, enquanto militantes, em meio às vivências nos movimentos social, popular e sindical. Todo esse envolvimento fez-nos experienciar a práxis, por meio dos embates e do ombro a ombro junto aos companheiros de luta. Diante desse envolvimento e conhecimento, decidimos pelo tema da presente pesquisa. Tal fato nos possibilitou mais compreensão do cotidiano, das relações interpessoais e manifestações que, em muito, contribuíram para a interpretação dos dados e dos documentos que utilizamos no estudo.

A pesquisa abarcou diversos autores/atores sociais os quais, à medida que contribuíam com as investigações, rememoravam lembranças e os envolverem numa profusão de sentimentos. Nesse processo, as narrativas dos sujeitos, então líderes do movimento sindical, manifestavam nostalgia, angústias, alegrias e tristezas de um passado e de um presente que se moviam tal qual um filme em suas mentes, ora colorido, ora em preto e branco, evidenciando conquistas e também retrocessos. Os sindicalistas pontuavam ações, reivindicações, lutas e conquistas que possibilitaram, ao movimento sindical docente de Mato Grosso, tornar-se referência nacional.

Coletar os dados, escutar as experiências dos militantes durante a pesquisa consistiu em um processo de grande aprendizagem sobre a luta político-sindical. O acompanhamento e a companhia de combatentes históricos desse movimento docente de Mato Grosso e do Brasil sempre nos motivaram.

A partir desse envolvimento entre nós e os autores/atores sociais que contribuíram com o

movimento no Estado, seja ele nos deslocamentos, nos corredores, na rua, nas assembleias ou em outros espaços, aconteceu um fazer-se e formar-se continuamente, em caminhos que possibilitaram a nossa (re) construção identitária na militância, nas contradições, nas lutas, nas crises (Dubar, 2009).

A pesquisa objetivou investigar a importância dos movimentos social, político e sindical na constituição da identidade política docente e a questão que fomentou o estudo foi: Como a formação dentro dos movimentos social, popular e sindical, associada à formação sindical, às greves e às paralisações, contribuiu para a constituição da identidade política docente? Tais pontos serão abordados no decorrer do texto.

2. Dos movimentos ao movimento - as trilhas percorridas

Respalado na abordagem qualitativa, o trabalho apoiou-se no levantamento bibliográfico, em entrevistas narrativas e observações-participantes.

A observação participante permitiu obter informações que não poderiam ser recolhidas apenas nas entrevistas narrativas. Esta se deu no processo de acompanhar as atividades do movimento sindical em Mato Grosso, ao observar os discursos inflamados dos militantes nas assembleias, o comportamento dos professores durante os períodos de greves, de debates, de movimentações, de passeatas. Tal processo foi essencial para a leitura mais aprofundada das práticas sindicais e da constituição da identidade política. Nessa égide, o sindicato torna-se ferramenta legítima de luta dos trabalhadores pela efetivação de seus direitos e pela legalização de seus ideais. Na observação participante, além de nos fazermos presentes em assembleias gerais, em passeatas, na movimentação dos sindicalistas, visitamos os membros que acamparam, durante a greve, na praça próxima ao palácio do governo.

Para a elaboração das análises, recorreremos à entrevista narrativa a qual, segundo, Bauer e Jovchelovitch, tem como ideia básica reconstruir acontecimentos sociais a partir da perspectiva dos informantes. Os autores salientam que as narrativas são infinitas em sua variedade e podem ser encontradas em todo lugar. Eles ressaltam, também, que: “através da narrativa, as pessoas lembram o que acontece e colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social.” (Bauer y Jovchelovitch, 2003, 91).

A entrevista narrativa possibilita acompanhar todo o envolvimento histórico, a participação e contribuição dos informantes ao longo de suas vidas e seu vínculo com o movimento sindical docente. Em suas narrativas eles poderão ir e vir em suas memórias, relatando e descrevendo aquilo que vivenciaram e experienciaram. Foi perceptível, durante as entrevistas, como o evocar das lembranças nas narrativas provocou, nos sindicalistas, maior compreensão sobre sua formação política, a partir dos relatos dos debates, das lutas e das experiências e como essa participação ativa foi preponderante na constituição de sua identidade política dentro do movimento sindical.

Tais entrevistas foram agendadas e desenvolvidas no sindicato e em suas sub-sedes, tanto na capital do Estado, Mato Grosso, quanto no interior. Os entrevistados foram contatados e informados do que se tratava e, depois de acordo conforme suas disponibilidades, deram a devida contribuição. Devemos lembrar que, nem sempre, as entrevistas foram fáceis, uma vez que alguns, devido à agenda lotada com palestras, movimentações pelo Estado ou em viagens nacionais ou internacionais, greves, manifestações e acampamentos, não se encontravam à disposição, mas todos, na medida do possível, prontificaram-se a contribuir com a pesquisa. Assim, os encontros aconteceram nos sindicatos e sub-sedes, durante as greves, após reuniões, nos corredores de espaços políticos e até mesmo em espaços públicos.

As entrevistas foram tratadas no texto, inserindo-se recortes das mesmas, sendo, ao final, identificadas como: (Entrevista - nome do colaborador, mês/ano). Ao trazer as falas e análises dos militantes sindicais, propusemo-nos a abordar a importância da formação dentro do movimento sindical para a constituição da identidade política. Da observação participante, fizemos importante

registro da atitude e envolvimento nas assembleias da categoria. Foram transportados, para o texto, alguns recortes relativos ao tema explorado e caracterizados como: (Observação Participante, local, cidade e data da coleta).

Nossos sujeitos são ou foram militantes, com história de liderança e certa articulação dentro do movimento sindical. Passaremos a citar os que contribuíram como sujeitos de pesquisa e permitiram que seus nomes fossem divulgados, sendo eles: o professor Carlos Abicalil, o prof. João Monlevade, o prof. Elismar Bezerra e o prof. João Eudes.

3. Identificando os sindicalistas/militantes-sujeitos da pesquisa

Os sujeitos da nossa pesquisa sempre foram solícitos e pudemos contar com o total apoio deles. Nesse sentido, iremos apresentá-los:

- O professor Carlos Abicalil é líder no movimento sindical em Mato Grosso, com expressão em nível nacional e internacional. Foi presidente do SINTEP/MT (de 1994-2000) e da CNTE (1995-2002). Em 2015, assumiu o cargo de diretor de Educação na Secretaria-Geral da Organização dos Estados ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI), com sede em Madri (Espanha). Exerceu legislatura como deputado federal e atua, até hoje, na liderança frente ao movimento sindical docente em Mato Grosso e no Brasil, encontra-se licenciado como professor para trabalhar na OEI (2017).
- O professor João Monlevade é líder do SINTEP/MT e, também, teórico de expressão e militância no CNTE. É professor aposentado, mas continua trabalhando e ministrando, pelo Brasil, palestras aos trabalhadores da educação.
- Elismar Bezerra, professor da rede pública do Estado de Mato Grosso, foi o primeiro presidente do SINTEP/MT, possibilitou o processo de transição da Associação de professores para Sindicato, no final dos anos de 1980.
- O professor João Eudes é uma grande liderança do movimento sindical em Mato Grosso-Brasil, já foi presidente de sub-sede no interior do Estado, é apontado como um líder emergente, sendo, até então, o secretário de formação do sindicato (2017).

As análises dos dados aconteceram a partir de um grande eixo que abrange a militância do sujeito no movimento, evidenciando a perspectiva histórica e política, as conquistas para a categoria e as contribuições das ações e atividades da organização sindical para a constituição da identidade política dos professores.

4. A análise dos dados a partir da escuta aos sindicalistas

Começamos as análises com a fala do professor Carlos Abicalil, que é combatente sindical histórico. Em sua fala, exclusivamente na entrevista desta pesquisa, frisou a formação dada pelo movimento sindical e a importância para a constituição da identidade docente e de classe, ao ponderar ser:

“A educação e a formação política viabilizada pelo sindicato como identidade de classe, como possibilidade de aglutinar pessoas, de reunir, de promover encontros, debates, conflitos e produzir conhecimento. Formação de política pública, eu ainda não vejo, nesses 51 anos que tenho, uma organização que tenha potencializado maiores oportunidades. Existem aquelas que validam isso, mas não que a substituam o que com elas ainda concorram. Mesmo o partido político. É porque no sindicato há uma distinção de diferenças que são potencializadas que o partido não permite que a igreja e a religião não permitem. Como ali nós estamos lidando com uma identidade que é fundamentada no seu exercício de trabalho, você convive com as diferenças que não [dividem].” (Entrevista, Carlos Abicalil, ago.2013).

Observa-se, nessa narrativa, que o movimento sindical possui importância fulcral na formação e constituição de uma identidade política docente. Mesmo nas diferentes posturas e tendências políticas de seus militantes e dos fortes debates e contradições internas, o sindicato não perde o seu foco, pautado pela luta econômica e política, juntamente com as demais reivindicações classistas,

como melhoria das condições de trabalho, valorização profissional e avanço na qualidade do ensino público, com agenda voltada para a qualidade social da educação.

Segundo Menezes (2010), essa formação permite a constituição de uma cultura cidadã que ultrapassa as fronteiras do movimento sindical. Para o autor, tal composição proporciona, também, mudança na prática pedagógica, uma vez que expande a visão de mundo e possibilita, ao profissional militante, a leitura e o trabalho ampliados a partir da formação política e da consciência de classe.

Os movimentos populares e sociais congregavam militantes que se posicionavam contra a situação política, econômica e social do período da ditadura civil-militar brasileira (1964-1985). Ghon afirma que “nos anos 80 as lutas e os movimentos sociais foram organizados por entidades político-partidárias, sindicais, religiosas e outras” (2003, 205).

Neste estudo, especificamente, todos os entrevistados haviam se engajado em outras organizações sociais, sejam elas estudantis, partidos políticos e, principalmente, da Igreja Católica. A partir da década de 1980, percebemos que os movimentos social e popular levaram os militantes a serem extremamente combativos e críticos dentro do movimento sindical. Pode-se afirmar que foi uma iniciação importante para se chegar a tal mudança.

Esta análise não foi a única a identificar tal fato, Vale também revelou isso em sua pesquisa ao apontar que:

“Atribuindo sua formação à própria militância, os líderes sindicais destacam alguns espaços organizacionais responsáveis por sua formação política: a Igreja, notadamente no envolvimento com os Movimentos de Jovens, nas Comunidades Eclesiais de Base – CEBS, no Movimento Pastoral – [...], no Partido dos Trabalhadores – PT, nos Centros Cívicos, no Movimento Estudantil. Atribuem também sua formação aos cursos de formação sindical, oferecidos pelos Sindicatos dos Trabalhadores em Educação, pela CUT ou pelo Partido dos Trabalhadores.” (2002, 213).

A partir do pensamento de Vale, pode-se inferir que a Igreja Católica ocupou relevante espaço no processo de formação política de lideranças. Isso se deu por meio das Comunidades Eclesiais de Base (CEB'S), que preparavam muitos líderes para o fortalecimento dos movimentos sociais, auxiliados, também, por meio do pensamento da teologia da libertação, pela qual o movimento reivindicatório e contestatório ao regime militar se solidificou.

Segundo Löwy (2008), a teologia da libertação surgiu, na década de 1960, junto à Juventude Universitária Católica brasileira (JUC), inspirada na cultura católica francesa progressista, na tentativa de juntar a interpretação marxista de sociedade a um posicionamento crítico ao capitalismo e à opção preferencial pelos pobres e excluídos. Os dois maiores expoentes dessa teologia no Brasil são: frei Leonardo Boff e frei Betto. Eles contribuíram para a formação e propagação das chamadas Comunidades Eclesiais de Base (CEB'S). Também participaram e, ainda, participam ativamente, com publicações e mobilizações do “movimento dos movimentos”, o Fórum Social Mundial (FSM).

Muitas lideranças sindicais surgiram naquele momento ímpar da história política brasileira, pois, durante a ditadura militar, a igreja e os movimentos populares, ligados a ela, eram pontos nevrálgicos de formação política em que se formaram muitos dirigentes sindicais docentes.

A formação é feita na militância, nos movimentos populares e sociais que antecederam ou que acompanharam a constituição de uma identidade política, na experiência e participação em mobilizações contestatórias. Observa-se o mérito dessa diligência, mas também da teoria, posto que uma complementa a outra. Toda essa atividade e lutas contribuíram para o amadurecimento e formação política, ao engajamento nas lutas sociais dentro de movimentos populares e à abertura política, durante o período de ditadura militar no Brasil ou, ao final desta e início do período de redemocratização do país, como comprova a fala do prof. João Eudes:

“Tanto como estudante secundarista e como estudante universitário participei do movimento estudantil. Mas antes havia passado pelo movimento católico, nas chamadas Comunidades Eclesiais de Base. Como estudante secundarista a gente auxiliou e participou da formação de grêmios estudantis, inclusive na própria escola onde eu fazia o Ensino Médio. Participamos da campanha pelo voto aos 16 anos. Também na universidade participei do movimento estudantil seja como presidente de curso acadêmico, do curso de história e depois como membro do colegiado de departamento de curso. Também participei no partido político em que tinha atuação junto ao Partido dos Trabalhadores e também no movimento pastoral católico.” (Entrevista, João Eudes, mai.2013).

Outro registro acerca do assunto foi do prof. Carlos Abicalil que já ocupou o cargo de presidente do SINTEP/MT e da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), ao deixar claro que a sua participação nos movimentos sociais e populares o ajudou, posteriormente, na constituição de sua identidade sindical e política. Ele, assim, externalizou:

“Trabalhamos também com a organização Comunidade Eclesial de Base. Nós éramos poucos, 06 (seis) seminaristas. Nesse período propedêutico, alguns já tinham feito filosofia e voltaram, outros estavam iniciando nesse momento e na sequência eu fui ao mosteiro de São Bento cursar Filosofia. Enfim, cheguei ao 1º ano de Teologia no momento em que a igreja passou pela chamada grande disciplina. Na ascensão do João Paulo II e, que, evidentemente, trouxe muitas alterações na formação teológica.” (Entrevista, Carlos Abicalil, ago.2013)

Além dessas duas lideranças, o prof. Elismar Bezerra, primeiro presidente eleito do SINTEP/MT (1989-1994), também pontuou a sua atuação nos movimentos católicos das CEB's, quando ainda morava no Norte de Mato Grosso:

“Claro tenho uma relação de admiração e algum contato ainda que pequeno com a prelazia de São Félix do Araguaia, com Pedro Casaldáliga. [Bispo que era referência quanto à teologia da libertação e incentivador dos movimentos sociais católicos, as Comunidades Eclesiais de Base- CEB's e que formou muitas lideranças, principalmente políticas]. Aqueles outros padres, padre Pedro, os outros todos da prelazia, enfim, e ter a minha família uma relação também com eles. Eu crescer vendo o Pedro lá, o bispo Pedro lá em casa, essa coisa toda, me incentivou a participar dos movimentos sociais e me engajar logo a seguir no movimento estudantil em Cuiabá, onde fiz minha licenciatura.” (Entrevista, Elismar Bezerra, jun.2013)

Identificam-se a luta e a formação de uma identidade política que se processam no caminhar, culminando com a entrada e a participação no movimento sindical. Diversos fatores históricos levaram as lideranças a situações e locais variados e a participarem de diferentes movimentos sociais os quais foram muito importantes nesse ativismo e militância. Dos movimentos ao movimento foi o amadurecimento e conscientização de classe e das lutas travadas que se constituem em um processo moroso na sociedade na qual se pretende maior igualdade econômica e social.

Dessa feita, há o fortalecimento da organização em Mato Grosso, pois as principais lideranças já estavam constituindo uma identidade política em movimentos sociais e populares anteriores. Pode-se afirmar que a participação nessa dinâmica sindical docente foi o culminar de um processo elaborado durante o percurso, pois foram se constituindo líderes, formadores e professores combativos, a favor de um novo momento histórico e político no Brasil e no Estado de Mato Grosso.

Em sua fala, o prof. Carlos Abicalil afirma como se dava o enfrentamento e como se formava a solidariedade, tão necessária, até mesmo, por questão de sobrevivência, algo que teve estreita ligação com sua anterior participação no movimento social da Igreja Católica. Seu testemunho é bastante emblemático, conforme segue:

“Os contratos eram renovados e interrompidos a cada período letivo. Na época nós passávamos até uma gestação sem receber salários: 8, 9 meses. Isso também desenvolveu em alguns grupos, como é caso do meu, uma prática de solidariedade, inclusive para sobrevivência comum. Portanto, formavam as pequenas comunidades, ou de duplas, ou de trios, quase república [...], nesse sentido, e ainda que a gente não habitasse na mesma casa, compartilhávamos as nossas condições de sobrevivência. Isso criou muitos laços importantes, também como referência, que se espalhou depois pelo estado quando cada um de nós

assumiu também na sua perspectiva de carreira outras orientações no ponto de vista de sua localização, de seu novo endereço. Favorecendo também a nucleação do sindicato e proliferação dessas condições.” (Entrevista, Carlos Abicalil, ago.2013)

Por meio de sua entrevista, ficou evidente que a participação ou militância ajuda a formar uma identidade política e sindical. Além disso, em caso de necessidade, os professores se unem, solidarizam-se, cria-se uma unidade ou identidade de classe que, segundo Mascarenhas, é um “esforço simbólico de libertação de determinismos sociais, nos quais são criadas leis, realidades, utopias e solidariedades” (2002, 47).

Nesse sentido, graças a um conjunto de práticas concretas, de apoio, de união do movimento sindical, foram criados laços que se perpetuaram conforme apontou o Prof. Carlos Abicalil. Por meio da coletividade e nela, são possíveis os enfrentamentos frente à realidade degradante, em que o capital, nesse caso, representado pelo Estado, explora e aliena.

A luta faz-se no coletivo, com a ajuda do movimento sindical, numa tentativa de mudar a realidade, construir consciência de classe contra a exploração e resistir sempre contra vicissitudes impostas pelo Estado Neoliberal, como afirma Carvalho: “o processo de construção coletiva possibilita que o sujeito tome consciência dos limites e possibilidades de sua ação. Portanto, para que esse processo seja significativo, deve estar sempre presente o modo de fazer o horizonte da relação entre o eu, o nós e os outros.” (2005, 73).

É a coletividade construída num espaço de pares que permite, também, maior conhecimento de si e proporciona mais autonomia para que o sujeito possa, igualmente, reconhecer-se como agente transformador da realidade injusta e sufocante que o cerca.

Nas manifestações dos sindicalistas, consegue-se observar que a constituição da identidade docente e política se processam num movimento contínuo junto à militância docente. Os líderes sindicais, em suas trajetórias, passam por uma formação que lhes oportuniza o amadurecimento político. Essa maturidade e as lutas os acompanham ainda hoje, em que a identidade docente política e sindical foi e vai se formando no contexto e nas contradições dos movimentos sociais dos quais participaram e participam.

As discussões e os debates no ambiente escolar permitem maior esclarecimento e politização dos professores e a participação dos militantes. Nesses espaços, a formação política docente vai se constituindo, como esclarece o prof. João Eudes:

“Àqueles e àqueles que têm participado, têm acompanhado com certa proximidade, a discussão em relação... É aquilo que o sindicato tem pensado tanto no âmbito das políticas, macros, das políticas públicas, como também das políticas. Ele tem outra postura de discussão lá no interior da unidade escolar. O profissional que tem uma participação efetiva atuante ele consegue visualizar quando vai discutir o âmbito da organização pedagógica no interior da escola. Essa questão, portanto, ele tem como definir posições, pensar proposições que afinam com aquilo que o sindicato tem alertado, aquilo que ele tem apontado.” (Entrevista, João Eudes, mai.2013)

O professor foi enfático ao abordar a importância e diferença que a formação no movimento sindical e político faz aos professores e profissionais da educação, contribuindo para a formação de uma identidade docente e política. Além de contribuir para o debate e conscientização política, tende a melhorar a percepção e a prática pedagógica, uma vez que, consciente de seu papel político como formador, o docente reflete e analisa a sua prática em sala de aula, adota novas posturas e prima pela ética profissional. Nessa perspectiva, podem-se notar diferenças entre os docentes que lutam na e pela coletividade, pois negociam situações e articulam opiniões em uma transação nem sempre pacífica (Vicentini y Lugli, 2009).

Os professores percebem que podem vivenciar e transformar a sua forma de pensar, atuar e ser. Podemos afirmar que é um modo de se fazer educação, pois, conforme Gadotti (2010, p.83), “a

força da educação está no seu poder de mudar comportamentos. Mudar comportamentos significa romper com certas posturas, superar dogmas, desinstalar-se, contradizer-se.” É um ato político e pedagógico, no qual se processa uma ação do homem sobre o homem, como enfatiza o autor.

Ao levarem os discursos e debates realizados no movimento sindical para as reuniões nas unidades escolares, junto a seus pares ou alunos, os educadores-militantes fazem a diferença nas suas exposições, por trazerem uma história de luta social e envolvimento na política por melhor qualidade da educação. Dessa forma, eles vão se revelando no coletivo, estruturando o seu espaço profissional e constituindo uma identidade política (Vicentini y Lugli, 2009).

O SINTEP/MT, desde a sua fundação, preocupou-se com a formação política e, por meio dela, constituiu-se e fortaleceu-se como entidade representativa dos profissionais da Educação Básica no Estado de Mato Grosso. Um dos principais intelectuais orgânicos do movimento sindical mato-grossense e brasileiro, autor de várias obras sobre o movimento sindical docente, o prof. João Monlevade, argumentou sobre essa preocupação desde a origem dessa mobilização do Estado: “Na nossa filiação à CUT foi importante e quando a CNTE precisou de um projeto de formação para o Brasil inteiro foi o nosso, o nosso foi adotado [...]. Tinha os livrinhos [produzidos no sindicato de Rondonópolis] [...], nasceram aqui, aqui no sindicato [...].” (Entrevista, João Monlevade, ago.2013)

A formação sindical sempre foi vista como prioridade, dentro do SINTEP/MT, desde sua origem. Isso permitiu que, mesmo após as mudanças e saída das lideranças históricas, novos líderes pudessem surgir. A preparação destes novos membros é extremamente importante para a própria manutenção e existência do movimento sindical. Os novos ativistas ou emergentes se juntam aos militantes mais antigos ou históricos. Apesar da diferença geracional, ambos sabem da importância da união e do apoio na luta do movimento e na troca de experiências.

Dessa forma, constitui-se em uma identidade que se faz na práxis, em que homens e mulheres produzem a si mesmos e concretizam sua individualidade. Práxis essa mais perceptível no movimento grevista. É nele que ocorre o devir humano, é o consolidar-se enquanto ser pensante atuando para as transformações e melhorias sociais (CIAMPA, 2001). A coletividade se expressa na luta, no movimento, nas manifestações, reivindicações e o sindicato é a figura máxima dessa articulação, dessa feitura identitária e de confiança classista. Criam-se elos de segurança no grupo e uma linguagem sindical mais forte e próxima das lutas e dos debates do grupo que os representam. É, pois, a voz de seus filiados e apresenta isso em suas pautas de reivindicação num longo processo de aprendizagem, de maturação individual e coletiva, permeada de dúvidas e temores, mas que tem, nas lideranças, a esperança de melhoria da qualidade, formação e trabalho docente. Isto porque, como afirma Souza, “o medo e a insegurança que acompanham qualquer trabalhador no momento de tomar a decisão sobre a adesão ou não à greve, também são sentidos pelos professores” (1996, 148).

Nesse momento, há uma linha invisível de confiança e reciprocidade, pois os líderes sindicais precisam contar com os professores e estes necessitam das lideranças para representá-los frente ao governo, de argumentarem e reivindicarem em defesa da classe.

As formações desenvolvidas dentro do movimento sindical têm-se dado por meio dos debates, das reuniões, dos estudos sobre temáticas que dizem respeito aos interesses de classe e permitem amadurecimento e posicionamento mais contundentes desses ativistas junto ao governo, em defesa dos interesses dos trabalhadores em Educação Básica.

Nesse sentido, as greves são um espaço de aprendizagem, de formação, de criação, de engajamento político e, também, da construção de um ambiente pedagógico para a formação política e constituição da identidade política. Na opinião de Gadotti:

“A greve é uma escola para a classe trabalhadora. Sob o ângulo político têm igualmente as greves sempre um saldo positivo: revelam a capacidade de uns e a incapacidade de outros na condução política. Novos líderes se formam na luta. Por isso, o atendimento ou não às reivindicações salariais não pode ser

considerado como único indicador do sucesso de uma greve.” (Gadotti, 2010, 194)

Os movimentos grevistas constituem-se em uma espécie de batismo às novas lideranças, pois, por meio das paralisações, manifesta-se, no sindicalista, a capacidade de argumentar, de persuadir, de convencer, tanto o governo quanto os próprios trabalhadores da educação sobre sua importância. Nas greves, os líderes se fazem ou desaparecem, de acordo com a sua postura frente ao coletivo e ao governo. Nesse período, aparecem os militantes “pelegos”, ou seja, aqueles que se manifestam contra seus pares e a favor do governo, que se vendem ou fazem um discurso governista, pensando em algumas benesses ou troca de favores.

As paralisações constituem-se em um gesto importante para o avanço das reivindicações sindicais, não só em defesa do aspecto econômico, mas em vários outros, expostos, inicialmente, em manifestações públicas e podendo, inclusive, culminar em greves. Nesse sentido, observamos que participar das assembleias é um ato de extrema relevância também para a formação política e a construção de uma identidade e, por isso, registramos em nossa observação participante o seguinte:

“Na manifestação pública, ocorrida hoje, verificamos uma paralisação com a adesão maciça dos professores da rede pública. A pauta foi bastante ampla, discutindo desde a reposição das perdas salariais, a notícia falaciosa veiculada nos meios de comunicação pelo governo do estado dizendo que os professores haviam recebido 86% de valorização do piso salarial. Também foi exposto o descaso com a infraestrutura das unidades escolares, dentre outras reivindicações.” (Observação participante, Auditório da Escola Estadual Sagrado Coração de Jesus, Rondonópolis/MT, 14/08/2013).

No Estado de Mato Grosso, durante o ano de 2013, ficou visível a magnitude das greves e, sobretudo, a atuação das lideranças. Houve divergências e debates acirrados entre diferentes grupos, com variadas posturas políticas dentro do coletivo sindical. É assim que o professor se faz, fortalece-se, solidariza-se, identifica-se, manifesta-se e constitui-se, identitária e politicamente.

A solidariedade de classe que se evidenciou no movimento, pelo amparo aos colegas sem receber salários há oito ou nove meses, caracterizou-se sob a forma de doações em “caixinhas” para auxiliar na compra de mantimentos básicos aos professores carentes, conforme já mencionado pelo prof. Abicalil. Tal situação foi agravada no movimento grevista no ano de 2013, principalmente, no acampamento instalado em Cuiabá (MT), na avenida Historiador Rubens de Mendonça. Lá, os docentes, alojados em barracas, mesmo com toda a ajuda e organização, tiveram que enfrentar as intempéries, desânimos e cansaço, numa tentativa de chamar a atenção da sociedade. Nessa oportunidade, mostraram ao governo que a categoria estava determinada em suas propostas e, no final, houve sentimento de vitória para o movimento sindical. Sobre este episódio, como envolvido nesse movimento, registrou-se que:

“A assembleia se mostrou tensa. Os inúmeros debates, exposições, discussões acirradas demonstravam que não seria fácil à assembleia. De um lado se manifestaram os trabalhadores da educação ao se mobilizaram na praça e afirmarem que a população apoiava e, portanto, eram favoráveis à permanência da greve. De outro lado, um grupo que era a favor do fim da greve. Muitas foram às falas, vários trabalhadores expuseram a sua experiência durante o acampamento. Após as exposições foi feita a votação pela permanência ou não da greve. Foi decidido pelo fim da paralisação, mas mesmo assim ficou claro que não havia uma derrota, mas o fortalecimento do movimento sindical, enquanto aglutinador da categoria e um dos poucos movimentos que conseguiam se opor e externalizar seu descontentamento com as políticas públicas educacionais do governo vigente de então.” (Observação Participante, Auditório da Escola Estadual Presidente Médici, Cuiabá, 17/10/2013).

Naquele momento, ficou patente que a construção da identidade política se faz na luta, na reivindicação, evidenciando que o movimento sindical é essencial para a construção e constituição de uma consciência de classe, pautada em melhorias para os trabalhadores em educação. Melhorias estas entendidas não apenas sob o ponto de vista econômico, mas também sócio-político, no fortalecimento da categoria e na constituição da identidade política e sindical.

5. Considerações finais

Por meio dos depoimentos dos militantes, a formação política que se constrói nos movimentos sociais e no movimento sindical - dos movimentos ao movimento - foi imprescindível para a constituição de uma identidade docente e política, assim como a participação nas manifestações da categoria. As lutas e tensões permitiram maior aproximação entre os militantes, que acabaram por criar uma espécie de “solidariedade classista”, para poderem enfrentar as intempéries ou as situações degradantes promovidas pelo capital, representado pelo Estado, o qual ousa passar, pelas lutas sociais, populares e sindicais, como um rolo compressor, ao tentar solapar ou impedir avanços conquistados com muita luta pelos movimentos e pela sociedade civil organizada.

A formação sindical e política, nos movimentos social, popular e político, proporcionou momentos de reflexão e de construção de identidade, principalmente, política. Ela é edificada num processo permanente de constituição, inserido nas lutas, nas contradições de si e do mundo que permeiam o ideário dos trabalhadores em educação. A partir do envolvimento dos sindicalistas na pesquisa, pode-se perceber, em suas narrativas, que rememoraram lutas, atos, paralisações e greves com tal detalhamento que geraram reflexões e novas análises a respeito de sua participação no movimento, contribuindo para a (re) constituição de sua identidade política docente que se dá num continuum. A pesquisa revelou, também, que a atuação dos professores e sindicalistas nos movimentos sociais foi primordial para o movimento sindical em Mato Grosso e para sua expressividade no cenário nacional.

6. Referências

- Ball, S. J. (2005). Profissionalismo, gerencialismo e performatividade. *Cadernos de Pesquisa*, 35(126), pp. 539-564. doi: 10.1590/S0100-15742005000300002.
- Carvalho, A. L. (2005). *Os Caminhos Perversos da Educação: a luta pela apropriação do conhecimento no cotidiano da sala de aula*. Cuiabá-MT: EDUFMT.
- Ciampa, A. C. (2001). *A estória do Severino e a história da Severina*. São Paulo: Brasiliense.
- Diniz, E.C.C., & Rocha, S.A.D. (2015). O sindicato por entre os movimentos políticos do constituir-se professor: profissionalização, profissionalismo, profissionalidade e identidade política docente. In Bauer, C., Dantas, V., Bernardi Miguel, M.M., Beserra de Paiva, L.R., & Diniz, C. (Orgs.) *Sindicalismo e associativismo dos trabalhadores em educação no Brasil. Volumen 2* (pp. 121-134). Jundiá-SP: Paco Editorial.
- Dubar, C. (2009). *A Crise das Identidades: A interpretação de uma Mutação*. São Paulo: Edusp.
- Gadotti, M. (2010). *Pedagogia da práxis*. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire.
- Gohn, M. G. (2003). *História dos movimentos e lutas sociais: A Construção da Cidadania dos Brasileiros*. 3. ed., São Paulo-SP: Editorial Loyola.
- Jovchelovitch, S., & Bauer, M.W. (2002). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis-RJ: Vozes. [Tradução de Pedrinho Guareschi.
- Löwy, M.A. (2008, 23 de setembro). Teologia da Libertação: Leonardo Boff e Frei Betto. *Pravda.ru*. Recuperado el 10 de mayo de 2017, de <http://port.pravda.ru/sociedade/cultura/27-10-2008/25022-teologialibertacao-0/>.
- Mascarenhas, A.C.B. (2002). *O trabalho e a identidade política da classe trabalhadora*. Goiânia-GO: Alternativa.
- Menezes, F.L.R. (2010). Formação Sindical e Prática Pedagógica em Gramsci. In Semeraro, G., Marques de Oliveira, M., Tavares da Silva, P., & Nogueira Leitão, S. (Orgs.) *Gramsci e os Movimentos Populares*. Niterói-RJ: Eduff.
- Nóvoa, A. (2000). Os professores e a história da sua vida. In Nóvoa, A. (Org.). *Vida de professores*. Porto: Porto Editora.
- Sanches Vasquez, A. (2011). *Filosofia da práxis*. Buenos Aires: CLACSO.
- Silva, H.L.F. (2006). *As trabalhadoras da educação infantil e a construção de uma identidade política*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Goiás.
- Silva, M.A. (2009). Qualidade social da educação pública: Algumas aproximações. *Caderno Cedex*, 29(78), pp. 216-226. doi: 10.1590/S0101-32622009000200005.

- Souza, A.N. (1996). *Sou professor, sim senhor: representações do trabalho docente*. Campinas-SP: Papirus.
- Vale, A.M. (2002). *Diálogo e conflito: A presença do pensamento de Paulo Freire na formação do sindicalismo docente*. São Paulo: Cortez.
- Vianna, C. (1999). *Os nós do "nós": crise e perspectivas da ação coletiva docente em São Paulo*. São Paulo: Xamã.
- Vicentini, P.P., & Lugli, R.G. (2009). *História da profissão docente no Brasil: representações em disputa*. São Paulo: Cortez.

